

OS SERTÕES E SEU EFEITO GERMINADOR NA CULTURA

Angela Gutiérrez

Neste ano de 2009, quando comemoramos o centenário da morte de Euclides da Cunha, voltemos nossos olhos para um pequeno ponto não impresso no mapa da Bahia, destruído pelo exército da jovem república brasileira em 1897 e submerso, desde 1974, às águas da barragem de Cocorobó: o arraial de Belo Monte. Se a Canudos do Conselheiro pulsa ainda hoje em corações e mentes dos brasileiros que assistem ao terceiro milênio deve-se não somente à lembrança dos trágicos acontecimentos históricos que lá se deram no final do século XIX, mas, muito especialmente, ao livro em que Euclides da Cunha perpetua o arraial e a luta de sua gente, e mantém vivo o beato Antônio Conselheiro, cravando-os na memória brasileira e na sensibilidade de leitores estrangeiros pela contundente força verbal de seu livro maior: *Os sertões*.

Desde seu lançamento, em 2 de dezembro de 1902, essa obra vem sendo saudada como a grande suma do conhecimento de sua época, como um monumento literário, como a bíblia brasileira. Mais impressionante, porém, do que a imediata consagração crítica de seu autor – em célebre *boutade*, diz-se que Euclides dorme anônimo e acorda famoso – é a adesão dos leitores ao livro. A primeira edição de *Os sertões*, volumoso livro de mais de 600 páginas, esgota-se nas primeiras semanas. E, hoje, mais de um século depois, a sedução do livro não se esvai, ao contrário, acentua-se.

Quando os pressupostos teóricos que sustentam a obra – o determinismo histórico, mesológico e racial – perecem e, mesmo alguns efeitos preciosistas de estilo, que o autor divide com sua geração, envelhecem, que traços da obra seduzem ainda o leitor? Entre esses traços, a meu ver, avultam: a veemência trágica na narração dos fatos e, mesmo, da natureza (“O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida./ Nasce

do martírio secular da Terra...”); as sugestões visuais, sinestésicas e até esculturais das descrições (“E ali estacou feito um animal fantástico, apumado sobre a ladeira, num quase curvetear, no último arremesso da carga paralisada, com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do *nordeste*, se lhe agitam as longas crinas ondulantes”); a dramaticidade cênica das batalhas (“Correndo e caindo, resvalando no chão em carreira cruzadas sob o fustigar das bâtegas, oficiais e praças, procuravam a formatura possível, vestindo-se, apresilhando cinturões e talins, armando-se às carreiras; surdos às discordes vozes de comando; alinhando secções e companhias ao acaso, num tumulto.

E daquele enredamento de fileiras, rompeu aforradamente, de arremesso, um cavaleiro isolado, sem ordenanças, precipitando-se a galope entre soldados tontos, e lançando-se pela estrada na direção provável do inimigo (...) /Era o coronel Moreira César); o caráter épico, quase medieval, dos feitos de guerra, o desvelamento dilacerado das contradições da cultura brasileira ou do ser humano (“Os combatentes comtenplavam-nos enristecidos. Surpreendiam-se; comoviam-se. O arraial, *in extremis*, punha-lhes adiante, naquele armistício provisório, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, num assalto mais duro do que os das trincheiras em fogo. (...) Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros – a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo”). Todos esses traços tão sedutores convergem para um desenho da nação brasileira: contrastante, paradoxal mesmo, mas apaixonante e profundamente enraizado em nossa cultura.

Se é possível apontar em *Os sertões* teses científicas ultrapassadas e, para os padrões éticos de hoje, até mesmo preconceituosas e politicamente incorretas, como as que se referem à inferioridade das raças mestiças e à caracterização do Conselheiro como um insano mental, realça, cada dia mais, a potência literária desta obra. A partir de suas qualidades textuais, uma face importante de *Os sertões* transparece: seu poder de sugestão junto à imaginação criadora de alguns leitores *doublés* de criadores. O livro apresenta um forte caráter seminal com relação às artes e à literatura: são inúmeras as manifestações artísticas – na pin-

tura, no desenho, na escultura, no cinema, na fotografia, no teatro, no vídeo, na dança, na música –, assim como manifestações literárias – na poesia, na tragédia, no cordel, na ficção, especialmente, no romance – que encontram inspiração nesta obra.

Há mais de cem anos, pois, o livro *Os sertões* vem semeando o campo da literatura e das artes, além de suscitar férteis debates de idéias sobre cultura e civilização brasileiras. No Nordeste, espaço da utopia de Canudos, duas renomadas coleções de artes plásticas nasceram do diálogo de seus criadores com a obra maior de Euclides da Cunha. As belas peças que compõem *Cicatrizes submersas*, do cearense Descartes Gadelha, e *Canudos rediviva*, do baiano Trípoli Gaudenzi, brotaram de suas imaginações artísticas feridas pelas evocações plásticas e visuais que a palavra ardente de Euclides sugere ao retratar a saga do Conselheiro e de sua gente na construção de Belo Monte e ao pintar a trágica e terrível destruição da Jerusalém do sertão.

Outros artistas plásticos, como o grande mestre Aldemir Martins, o ilustrador Poty, o desenhista e pintor Audífax Rios, criaram obras admiráveis a partir das sugestões que fluíram de forma direta ou indireta de *Os sertões*. No campo ainda das artes visuais, a força germinadora desse livro manifesta-se também na fotografia, lembremos, entre outros, Claude Santos e Antônio Olavo; no cinema, o belíssimo *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, do genial Glauber Rocha e o mediano *Guerra de Canudos*, do competente Sérgio Rezende; no vídeo, *Paixão e morte em Canudos*, de Antônio Olavo e *Canudos, a guerra do sertão*, narração da ‘Luta’, através da filmagem e sonorização dos quadros de Trípoli Gaudenzi.

Entre as peças teatrais que dialogam com *Os sertões*, cito *Canudos*, de José Bezerra Filho (1968), as experiências cearenses do Projeto Os sertões, com roteiro de Ricardo Guilherme e direção de B. de Paiva e a adaptação de Vicente Jr. Primeiramente em São Paulo, mas, posteriormente na Bahia e no Ceará, José Celso Martinez encenou uma monumental e polêmica ópera, dividida em várias etapas, também sugerida pelo livro de Euclides; Gereba montou o musical *Sertão, sertões*, sobre o tema de Canudos. Na música popular, o episódio de Canudos e do livro de Euclides ressoam nas criações de Gereba, Fábio Paes e de Pingo de Fortaleza, entre outros.

Na literatura, a primeira notícia sobre ciclo de poesia popular em torno de Antônio Conselheiro é relatada por Sílvio Romero em seus *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* (1888), anterior à Campanha de Canudos e à publicação da obra maior de Euclides. Os *sertões* contêm, porém, posteriormente, não só o registro de várias quadras de ABCs como comentários do autor que alertam para a contribuição “do bardo anônimo para a interpretação dos sentimentos populares de referência às atividades do Bom Jesus Conselheiro”, como lembra Calasans, ao coletar um verdadeiro cancionário de Canudos, em seu *Canudos na Literatura de Cordel*. Na poesia erudita, são muitos os exemplos de obras com tema canudiano: desde a *Tragédia épica*, de Francisco Mangabeira, de 1900, até textos recentes dos poetas cearenses Francisco Carvalho e Adriano Espínola, e do pernambucano Carlos Newton Júnior (*Canudos, Poema dos Quinhentos*), que se entrelaçam com *Os sertões*.

Assim, embora *Os sertões* não tenha sido o primeiro texto literário sobre Canudos, instituiu-se como o livro de Canudos. Seu caráter seminal e, mesmo, canônico, na literatura, além de impregnar-se aos textos já mencionados, revela-se na literatura infantil: o tema foi desenvolvido, ainda, na literatura infanto-juvenil, com *A aldeia sagrada*, de Francisco Marins, de 1953; com a novela *O menino jagunço*, de Paulo Dantas, de 1970; e com *O cachorrinho Samba na Bahia*, da Sra Leandro Dupré, de 1967, entre outro. Na ficção regionalista, enfim, na ficção literária, e, em especial, no romance de tema canudiano é claramente reconecível a importância da matriz euclidiana.

Já se tem assinalado a importância de *Os sertões* para a literatura regional e, em *A imitação dos sentidos*, o prof. Leopoldo Bernucci estabelece, a partir de estudos comparatistas textuais, as fortes conexões entre a obra de Euclides e outras grandes obras do regionalismo, como *Vidas secas* de Graciliano, que lhe é posterior em mais de trinta anos e, mesmo, com *O sertanejo*, de José de Alencar, que lhe é anterior, compondo, assim, uma verdadeira família de textos que se entretecem formando um amplo texto no regionalismo brasileiro.

Entre os grandes romances brasileiros que não se centralizam no tema de Canudos, mas mantêm diálogo com *Os sertões*, estão *A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna e *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Ariano, no monumental romance da *Pedra*, entrelaça fios de

sua narrativa com as de Euclides e põe o herói fictício Quaderna sobre uma pedra, a recitar trechos dos manuscritos autênticos do Conselheiro histórico, em um discurso às avessas do Conselheiro euclidiano. Em *Viva o povo brasileiro*, de 1984, a Guerra de Canudos comparece não só através da participação da guerreira Maria da Paz na Campanha de Canudos, como através das opiniões de dois personagens representantes do pensamento das classes dominantes, Bonifácio Odulfo e Patrício Macário que, ao manterem esclarecedor diálogo sobre o episódio, expõem contradições da elite brasileira que Euclides apontara em seu livro. Em outros romances, como *O padre e a moça*, de Nertan Macedo, *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, *O bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto, *O caldeirão*, de Cláudio Aguiar, as narrativas sobre líderes e movimentos messiânicos geram intersecções com os temas euclidianos.

Outra forma de presença da obra euclidiana na literatura brasileira tem sido através de textos que parodiam *Os sertões* ou a figura de Antônio Conselheiro pintada nessa obra, como em “O falso Henrique V”, conto de Lima Barreto, ou nos romances *Milagre na Salina*, de Mario Pontes e *Polígono das secas (95)*, de Diogo Mainardi, que criam avessos de Antônio Conselheiro de Canudos.

Se apenas lembramos alguns exemplos do espelho deformante dos temas euclidianos e canudianos, examinemos os romances em que esses temas surgem em retratos que dialogam com aquele pintado pela tinta de Euclides e, muitas vezes, assumidamente devedores da leitura de *Os sertões*. São eles, os romances de tema canudiano, escritos ao longo de mais de um século, que agrupo, para efeito de análise, em três blocos geracionais: os da contemporaneidade do Euclides e dos acontecimentos de Canudos, fortemente contaminados pela proximidade da Guerra e/ou da publicação de *Os sertões: Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *O rei dos jagunços* (1899), de Manoel Benício, *Accidentes de guerra* (1905), de Dantas Barreto; os da década de 50, em que, ultrapassados o trauma da guerra e o impacto da publicação de *Os sertões*, já é possível ver os acontecimentos históricos e o livro com relativa perspectiva do tempo: *Le mage du sertão* (1952) de Lucien Marchal; *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos; *O Capitão Jagunço* (1959), de Paulo Dantas; e os da nossa contemporaneidade, décadas de 70, 80 e

90, com maior perspectiva temporal e com a experiência histórica, cultural e literária do final do século XX e início do XXI: *Veredicto em Canudos* (1970, publicado em português em 2002), de Sándor Márai; *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa; *A casca da serpente* (1989), de J. J. Veiga; *As meninas de Belo Monte* (1993), de Júlio José Chavenato e *Os mal-aventurados de Belo Monte* (1997), de Eldon Carneiro, ; *Canudos, as memórias de Frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *Os mal-aventurados de Canudos, a tragédia de Belo Monte* (1997), de Eldon Canário; *Canudos, a maldição dos excluídos* (1997), de José Américo Lima, além dos romances do século XXI: *Canudos, a quinta expedição* (2002), de Oleone Coelho Fontes, *Antônio Conselheiro* (2004), de Guilhon Loures, *Canudos, além dos sertões* (2004), de José Erenilson da Silva, *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez, *A ressurreição de Antônio Conselheiro e de seus doze apóstolos* (2007), de Moacyr C. Lopes; *O pêndulo de Euclides* (2010), de Aleilton Fonseca, entre outros.

Se, no primeiro grupo, os romances *O rei dos jagunços* e *Acidentes de guerra* apresentam-se como crônicas romanceadas do episódio, intencionando aproximar-se da veracidade histórica na visão de seus autores, testemunhas dos fatos, sem preocupação de construir um texto literário, o romance de Afonso Arinos, embora deixe transparecer a mesma intenção de recomposição dos fatos, posiciona-se diferentemente, não só em sua feitura literária como em outra visão histórica dos fatos, tendo sido seu autor monarquista e um dos primeiros intelectuais a levantar a voz contra os crimes de pós-guerra. Todos esses romances, no entanto, através de transtextualização ou de menção direta, referenciam escritos euclidianos (artigos, reportagens ou sua obra maior).

Abro parênteses para lembrar que, fora do Brasil, durante o relativo período de limbo dos textos de tema euclidiano, foi publicada uma narrativa pautada em Euclides, de Robert Bontine Cunninghame Graham. *A Brazilian Mystic, Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro*. New York: Dodd, Mead, 1920, espécie de versão condensada de *Os sertões*, agora já com tradução brasileira.

Na primeira metade do século, acontece com o romance o que Calasans alerta com relação à literatura de cordel, e o que Rachel de Queiroz comenta no prefácio a *João Abade*: a paradoxal força inibi-

dora da obra de Euclides. Até muito tempo depois da publicação do livro maior de Euclides, *Os sertões* e a história de Canudos tornam-se sinônimos. Mas, se o livro teve o mérito de fixar Canudos, por outro lado, deixou-o preso no que Calasans chamaria de “gaiola de ouro”: o que ele dissera, estava dito. Com a publicação dos estudos de vários pesquisadores, nos meados do século, como Abelardo Montenegro e Nertan Macedo, no Ceará, e Odorico Tavares e, especialmente, de Dr. Calasans, na Bahia, e após a divulgação, por Ataliba Nogueira, em 1974, das prédicas de Antônio Conselheiro, pôde-se enxergar o outro lado, multifacetado, da história.

Na década de 50, animam-se João Felício dos Santos e Paulo Dantas, a buscar caminhos narrativos diferentes de *Os sertões*, embora mantendo, em voz explícita dos autores, a afiliação ao grande livro. Em *Le mage*, a obra atrela-se à ideologia racial exposta por Euclides, mas sem conseguir a genial ambigüidade do mestre, que se sobrepôs pela linguagem ao caráter perecível das teorias que ele mesmo se impôs.

Nos romances canudianos da terceira geração, embora a visão histórica dos acontecimentos se diferencie dos parâmetros de Euclides, a herança de *Os sertões* continua perceptível, seja através do modelo temático e narrativo do texto euclídiano ou de referências implícitas ou explícitas ao livro-cânone.

Examinemos dois livros de estrangeiros dessa fase. Como acontece com o escritor Vargas Llosa, menção obrigatória ao se comentar a ficção de tema canudiano, a leitura d'*Os sertões* instiga Sándor Márai à escrita. Os dois escritores, no entanto, seguem rumos diferentes em suas narrativas que recontam Canudos.

O romancista peruano, depois do deslumbramento com a leitura do clássico euclídiano, flaubertianamente pesquisa sobre o episódio, lendo tudo ou quase tudo que se escrevera sobre o tema, sob orientação de Mestre Calasans, e vem ao Brasil para conhecer de perto o sertão e os sertanejos, tendo como guia o historiador Renato Ferraz. Vargas Llosa, escritor, que não esconde sua paixão pelo realismo, segue, na criação de seu romance canudiano, o credo da escola novecentista: documenta-se sobre o assunto e observa a realidade antes de criar o amplo painel totalizante d'*A guerra do fim do mundo*.

O romancista húngaro, já falecido em 89, sentindo-se inquieto com a leitura do clássico euclidiano (que confessa ter lido com dificuldade, em inglês, na tradução de Samuel Putman), não conhecendo o Brasil nem a extensa bibliografia canadense e euclidiana, sabiamente opta por ficcionalizar apenas um recorte episódico que Euclides não contara: os acontecimentos do final da tarde e início da noite de 5 de outubro de 1897 – a data que marca o fim da guerra de Canudos. Ao construir a narrativa a partir da voz de O’Connel, filho de irlandês com brasileira de sangue índio, Sándor Márai torna mais verossímil seu olhar estrangeiro.

No romance de Vargas Llosa, o olhar estrangeiro é representado na única escrita em primeira pessoa, a do escocês Galileu Gall, visionário quixotesco que escreve para leitores estranhos à realidade narrada. Um longo diálogo também perpassa a narrativa vargasllosiana: a conversa entre o Jornalista Míope, caricatura de Euclides, e o Barão de Canabrava, *doublé* ficcional do Barão de Jeremoabo. Nos dois diálogos – o do *Veredicto* e o da *Guerra* –, defrontam-se personagens citadinos: de um lado, um citadino que não entende Canudos, do outro, um citadino simpaticante do arraial por ter vivido com seu povo, ambos revelando um olhar estrangeiro. Não esqueçamos, porém, que o próprio narrador de *Os sertões*, apresenta-se como um viandante e esta atitude que revela quem vem ‘de fora’ é mantida em todo o livro, apesar da simpatia que o autor manifesta pelos conselheiristas e da denúncia dos “crimes das nacionalidades”.

No romance de Vargas Llosa, atualiza-se sua reverência ao texto euclidiano, embora a sombra de Euclides em seu texto tenha o estatuto de precursor no sentido borgiano do termo. Quando o intelectual do nosso tempo, Vargas Llosa, confessa-se seduzido pela figura do intelectual *datado* do século XIX, Euclides da Cunha, encontra nele, apesar das diferenças impostas pelo largo tempo que os separa, alguns fortes pontos de identificação. Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central de seu livro totalizante sobre Canudos. Como Euclides, o escritor peruano sente-se um peregrino, o judeu errante, tentando construir a sua nação através do livro total, o manual, a bíblia, o livro adicionado,

suntuoso. Como Euclides, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo. No mais famoso romance sobre o episódio de Canudos, o escritor peruano lança um *outro* olhar sobre Canudos: substitui o olhar de testemunha de Euclides, por seu olhar enriquecido por quase um século de outros olhares.

Não podendo, nos limites de uma conferência, abordar um a um os numerosos romances canadinos da contemporaneidade, relembro que seus principais ingredientes pautam-se no modelo utilizado por Arinos e Benício e sedimentado pela obra de Euclides: a vida de Belo Monte anterior à guerra, a apresentação do Conselheiro e dos principais jagunços, as quatro expedições armadas, a figura de Moreira César, o episódio da procissão de prisioneiros levados ao *front* do Exército, a degola dos prisioneiros de guerra, em alguns casos, a figura de um jornalista.

Se impressiona constatar a persistência do texto de Euclides na análise que venho empreendendo desses romances, além de examinar os matizes das relações de afiliação ou de transposição paródica ou satírica dos romances de tema canadino com *Os sertões*, considero outras questões, como as relações entre o estatuto de relatos ficcionais e de relatos históricos; a transtextualidade dentro do *corpus*, a intertextualidade com relação aos textos memorialísticos e periodísticos sobre Canudos, a determinação de pontos comuns entre os romances, de maneira a estabelecer suas características enquanto obras de um mesmo ciclo temático.

Ao apresentar aqui apenas uma visão panorâmica sobre o caráter germinador de *Os sertões*, finalizo lembrando que, na era pós-Canudos, as perplexidades e reflexões suscitadas pelo sangrento episódio e pelo livro que o perpetua têm gerado manifestações nas mais diferentes áreas do pensamento e da cultura, no Brasil e no exterior. De artigos jornalísticos, cartas, crônicas, charges, produzidos durante e logo após a Campanha às interpretações sociológicas, religiosas e históricas elaboradas na nossa contemporaneidade; da publicação do primeiro romance canadino, *Os jagunços*, de Afonso Arinos, ao impactante e decisivo lançamento de *Os sertões*, ao extraordinário romance do peruano Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*; das primeiras poesias populares sobre o Conselheiro, compiladas por Sílvio Romero, aos

ABCs transcritos por Euclides, aos folhetos de cordel coligidos por José Calasans; dos relatos de militares, como os de Dantas Barreto, aos de religiosos, como o relatório de Frei João Evangelista de Monte Marciano e as *Reminiscências de um frade* de Frei Pedro Sinzig; dos estudos médicos, como os de Nina Rodrigues, às cartas do líder político Barão de Jeremoabo, ao relatório do Comitê Patriótico, coordenado por Lélis Piedade, ao *Libelo Republicano* de César Zama; das crônicas de Machado de Assis ao mea culpa de Rui Barbosa; dos estudos de Abelardo Montenegro e Nertan Macedo aos esclarecedores ensaios de Calasans e de Walnice Galvão; das traduções de *Os sertões* aos filmes baseados no episódio, às peças de teatro, às pinturas do baiano Trípoli Gaudenzi e do cearense Descartes Gadelha, dos desenhos de Aldemir Martins aos de Audífax Rios; das fotografias de Flávio de Barros, que acompanhou a quarta expedição, às dos contemporâneos Claude Santos e Antonio Olavo, aquele pequeno território cravado entre serranias e banhado pelo Vaza-Barris foi tomando dimensões tão amplas como jamais os habitantes de Belo Monte poderiam imaginar para sua pequena comunidade inexistente nos mapas.